

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



## FAMÍLIA E O SERVIÇO SOCIAL:

Considerações a partir do debate étnico-racial

Dan Júnior Alves Nolasco Belém<sup>1</sup>

Helder Boska de Moraes Sarmento<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de um estudo do doutorado em andamento na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. O estudo teve como base observações e reflexões derivadas da disciplina "Família e Política Social", cujo objetivo foi analisar a incorporação da família na Política Social, adotando uma perspectiva sócio-histórica. No presente trabalho, foram examinados dois casos extraídos de matérias jornalísticas, utilizando uma estrutura de análise de conjuntura, com ênfase no debate étnico-racial. O artigo busca discutir elementos que atravessam o cotidiano da população negra, considerando a relação entre racismo e família.

**Palavras-chave:** Análise de conjuntura; Família; Racismo.

### ABSTRACT

This article presents the results of an ongoing doctoral study at the Federal University of Santa Catarina - UFSC. The study was based on observations and reflections derived from the course "Family and Social Policy," aiming to analyze the incorporation of the family into Social Policy from a socio-historical perspective. In this paper, two cases extracted from news articles were examined using a conjunctural analysis framework, with an emphasis on the ethnic-racial debate. The article seeks to discuss elements that permeate the daily lives of the black population, considering the relationship between racism and family.

**Keywords:** Conjunctural analysis; Family; Racism.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG) e doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina; [danjunior@unicentro.br](mailto:danjunior@unicentro.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Assistente Social, Professor da Graduação e Pós-Graduação em Serviço Social na UFSC, Doutor em Serviço Social pela PUC/SP; [helder.boska@ufsc.br](mailto:helder.boska@ufsc.br).

#### PROMOÇÃO



#### APOIO



## 1 INTRODUÇÃO

A chegada dos primeiros africanos trazidos para o Brasil como escravos é datada de 1538, segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 30). Ao longo de mais de três séculos de tráfico negreiro, estima-se que entre três a quatro milhões de indivíduos foram escravizados no país. A economia do país se desenvolveu explorando o trabalho dos corpos negros, resultando na acumulação de riqueza e no enriquecimento de uma elite branca.

No entanto, a narrativa oficial sobre a construção do Brasil muitas vezes negligencia ou minimiza a participação e o protagonismo dos negros. A visão predominante de uma suposta "democracia racial" ou de uma harmoniosa miscigenação encobre as desigualdades estruturais e o racismo que permeiam a sociedade brasileira.

Racismo, de acordo com Almeida (2021, p. 32), é uma forma sistemática de discriminação que parte do pressuposto que há diferenças de raças entre superiores e inferiores, gerando privilégios para alguns e prejuízos para outros.

É preciso considerar, que o povo negro brasileiro se encontra submetido às mais diversas desigualdades, sejam elas educacional, de saúde, trabalho, de acesso a serviços de saneamento básico (DIAS, 2015, p. 313).

Em artigo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – Textos para discussão 2657 – Osório (2021) apresenta indicadores da desigualdade racial de renda no Brasil nas três últimas décadas (1986-2019) que demonstram que a situação socioeconômica das pessoas brancas é melhor do que a das pretas e pardas.

Dados da cartilha – SUAS sem racismo (2018) – apontam que o público majoritário atendido pela assistência social é constituído por mulheres negras.

Assim, não é possível discutir a situação dos negros e suas famílias sem considerar os dados anteriormente mencionados que mostram a população negra em um não-lugar, sendo esta a maioria da população brasileira (56,2%), segundo os dados do IBGE (2019).

### PROMOÇÃO



### APOIO





Para o presente trabalho, foi desenvolvido um percurso metodológico que utiliza matérias jornalísticas e a análise de conjuntura para examinar a dinâmica e as contradições presentes nas famílias brasileiras, com ênfase no debate étnico-racial.

A análise de conjuntura, para Souza (1984) é uma leitura especial da realidade que se faz sempre em função de alguma necessidade ou interesse e que privilegia algumas categorias como acontecimento (fatos), cenário do acontecimento (local), atores (quem), relações das forças (política) e articulação entre estrutura e conjuntura.

Utilizamos-nos dessas categorias para organizar as matérias jornalísticas escolhidas, de maneira estruturada. Optamos por estudar 02 (dois) casos, veiculados na página/sítio do EL PAÍS, por ter uma inserção e visão mais ampliada do contexto da América Latina. A escolha dos casos/matérias foi realizada, aleatoriamente, a partir da pesquisa com alguns marcadores: negros, famílias, racismos.

## 2 AUSCULTA DE CASOS ENVOLVENDO PESSOAS NEGRAS/ ANÁLISE DE CONJUNTURA

O papel da imprensa na sociedade, a sua importância, a influência que exerce e os valores que representa é discutido por diferentes pesquisadores. Cabe ressaltar, entretanto, que para o presente trabalho consideramos a história dos sujeitos a partir da análise de conjuntura com a inclusão de dois casos: "A dignidade morreu no horário de pico e Morte de criança negra negligenciada pela patroa branca de sua mãe choca o Brasil". Tais matérias foram colocadas na integralidade (a seguir) e depois foram retirados trechos para intersecção com autores, considerando o debate étnico-racial.

### 2.1. Caso 1<sup>3</sup>

#### **A dignidade morreu no horário de pico**

Vendedor ambulante é atropelado por um trem no Rio e, para evitar o bloqueio da estação, um outro trem passa por cima de seu corpo

Vendedor de doces e balas nos superlotados trens do Rio de Janeiro, Adílio Cabral dos Santos, como o resto dos colegas de profissão, cruzava os trilhos

<sup>3</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/31/politica/1438377272\\_774029.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/31/politica/1438377272_774029.html). Acesso em 28 de nov. 2021.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



para evitar que os fiscais apreendessem sua mercadoria. Até que um maquinista o atropelou na tarde desta terça-feira. Ele caiu entre os trilhos e, minutos depois, um outro trem passou por cima de seu corpo por ordem da empresa que gerencia o serviço. O corpo de Adílio estava *interrompendo* o tráfego, a estação de Madureira estava lotada e 6.000 passageiros precisavam que o trecho fosse liberado para chegar às suas casas. Adílio Cabral dos Santos teve o azar de morrer no horário de pico.

A morte e o tratamento dados ao corpo deste vendedor ambulante e expressidiário de 33 anos seria invisível não fossem os passageiros gravarem a cena com seus celulares. A SuperVia, companhia responsável pelos trens urbanos da região metropolitana do Rio, reconheceu que o centro de controle da empresa ordenou que o trem continuasse, em um “procedimento de exceção, sob absoluto controle”, devido ao tráfego intenso de trens com milhares de passageiros. A companhia afirma que Adílio já estava morto, mas a perícia ainda não havia chegado para atestá-lo.

Horas depois, Eunice de Souza Feliciano, mãe de Adílio, assistia estarecida à cena na televisão sem saber que aquele corpo pixelado na tela, que sumia embaixo de um trem sob o comando de funcionários da estação, era do seu filho. “É uma coisa terrível, uma desumanidade, fizeram sinal para o trem vir, mas o que é isso?”, desabafou Eunice, de 61 anos, aos repórteres. “A gente já estava horrorizado com a situação e depois anunciam que era meu filho. Tem como?”, questiona, antes de as lágrimas cortarem sua fala.

A empresa considerou, entre outras coisas, que o trem tinha altura suficiente para ultrapassar o corpo sem atingi-lo e que a paralisação da linha criaria transtornos para toda a movimentação do horário, quando cerca de 200.000 pessoas viajam em todo o sistema ferroviário. “Passageiros retidos em trens parados tendem a descer irregularmente na linha, aumentando riscos de incidentes, como já ocorreu outras vezes”, justificou a SuperVia. O trem que passou por cima do corpo de Adílio liberou o espaço para desviar outras duas composições que aguardavam lotadas no mesmo trilho. Três trens dando marcha a ré era uma “manobra complicada”, diz a empresa.

Apesar dos potenciais problemas que o corpo de Adílio poderia ter causado no sistema, os bombeiros o encontraram por coincidência. A empresa assegura que os acionou logo depois do acidente, mas o Corpo de Bombeiros nega. Eles foram chamados mais de duas horas após o atropelamento por uma ocorrência de trauma, não relacionada com a morte de Adílio, na mesma estação. “Durante o atendimento, a equipe foi informada pelos funcionários da SuperVia que havia um corpo na linha férrea, próximo ao local de atendimento à vítima de trauma. Um policial militar já estava no local aguardando perícia”, afirma a assessoria do Corpo de Bombeiros. A equipe, então, constatou o óbito e continuou o atendimento do caso para o qual foi chamada até que os bombeiros foram acionados de novo, agora para retirar o cadáver. O corpo de Adílio deixou a linha do trem por volta das 20h, três horas depois do atropelamento.

O Governo do Rio pediu punição para os culpados. O secretário estadual de Transportes, Carlos Roberto Osório, disse que os responsáveis devem ser identificados. “O que aconteceu em Madureira é um absurdo, uma situação que não pode acontecer em hipótese nenhuma. Foi um desrespeito, uma desumanidade você autorizar um trem passar por uma via que está interrompida por um corpo de uma pessoa morta”, disse Osório.

A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil qualificou o episódio como uma “barbaridade” e a Agetransp, agência reguladora que fiscaliza os transportes no Rio de Janeiro, abriu uma

## PROMOÇÃO



## APOIO

investigação para apurar as responsabilidades. A família de Adílio não tinha condições de pagar o funeral. O vendedor foi enterrado nesta sexta-feira com o dinheiro da SuperVia (María Martín. El País. São Paulo - 31 Jul 2015).

### 2.1.1 Acontecimento

Um vendedor é atropelado e morto por um trem no Rio de Janeiro e a empresa responsável pela linha emite ordem ao condutor de outra composição para passar por cima do corpo, pois assim, não haveria atrasos. Esta notícia somente se tornou um acontecimento conhecido porque populares gravaram o ocorrido com celulares e publicizaram o vilipêndio.

### 2.1.2 Cenário

Em uma estação no Estado do Rio de Janeiro, o fato ganhou notoriedade da mídia espalhando por diferentes instituições, públicas e privadas, tais como, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, governo do Estado, secretaria estadual, agência reguladora e organizações profissionais como a Ordem dos Advogados.

### 2.1.3 Atores

Os atores envolvidos são: Adílio Cabral dos Santos, vendedor de doces e balas; colegas de profissão de Adílio que também atravessavam os trilhos para evitar que fiscais confiscassem suas mercadorias; fiscais; maquinista da empresa; passageiros que gravaram a cena com seus celulares; SuperVia (companhia responsável pelos trens urbanos da região metropolitana do Rio); Eunice de Souza Feliciano, mãe de Adílio; repórteres; policial militar; Assessoria do Corpo de Bombeiros; Governo do Rio; Secretário estadual de Transportes; Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil; Agetransp (agência reguladora que fiscaliza os transportes no Rio de Janeiro); e a família de Adílio.

### 2.1.4 Relação de forças

#### PROMOÇÃO



#### APOIO





A narrativa apresentada pela empresa é a de que Adílio já estava morto, mesmo sem a confirmação pericial. Ademais, foi determinado que outros vagões passassem por cima do corpo, sem a devida constatação do óbito e sem a presença de agentes públicos, conforme relato do Corpo de Bombeiros.

A empresa admitiu que a ordem partiu do centro de controle, justificando como um "procedimento de exceção, sob absoluto controle", em virtude do intenso tráfego.

A denúncia feita pela senhora Eunice de Souza Feliciano, mãe de Adílio, expôs a desumanidade com que seu filho foi tratado. Permitir que os trens passassem por cima do corpo com a pseudo justificativa de preservar o bem da coletividade.

O governo do Rio pede punição para os culpados; os aparelhos públicos e entidades profissionais são mobilizados, falando sobre a barbaridade do ato; e só, então, é aberta investigação para apurar responsabilidades.

## 2.2. Caso 2<sup>4</sup>

### Morte de criança negra negligenciada pela patroa branca de sua mãe choca o Brasil

*Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, caiu do nono andar de um prédio de luxo em Recife, na terça, enquanto estava sob os cuidados da empregadora da mãe, que responderá em liberdade. "Se fosse o contrário, eu acredito que não teria direito nem à fiança", lamenta a mãe da criança*

Miguel Otávio Santana da Silva, 5 anos, morreu na última terça-feira, 2 de junho, ao cair do nono andar de um prédio no bairro de São José, região central de Recife, Pernambuco. O menino acompanhava sua mãe, a doméstica Mirtes Renata Souza, no apartamento onde ela trabalhava e, segundo relatam os vizinhos, começou a chorar quando ela saiu para passar com o cachorro da patroa. Miguel resolveu ir atrás da mãe, saiu do apartamento, entrou no elevador sozinho – com o consentimento da empregadora de Mirtes – se perdeu no prédio. Em seguida, caiu de uma altura de 35 metros. A dona da casa foi detida no dia seguinte por suspeita de homicídio culposo, quando não há intenção e matar, mas saiu com pagamento de fiança e responderá o processo em liberdade. O caso ocorre em meio aos protestos e debates contra o racismo pelo mundo.

"Eu não vou dizer que eu to com raiva, com ódio nada, porque a dor pela morte do meu filho tá prevalecendo. Mas eu espero que a justiça seja feita. Porque se fosse o contrário, eu acredito que não teria direito nem à fiança. Meu nome estaria estampado e meu rosto estaria em todas as mídias", desabafou a mãe do menino em entrevista à TV Globo nesta quinta-feira. "Ele entrou no elevador. Não tiveram paciência pra tirar ele do elevador,

<sup>4</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-04/morte-de-crianca-negra-negligenciada-pela-patroa-branca-de-sua-mae-choca-o-brasil.html>. Acesso em: 28 de nov. 2021.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



pegar ele pelo braço e tirar ele do elevador. Porque se fosse os filhos da minha ex-patroa eu tiraria. Ela confiava os filhos dela à mim e à minha mãe. E no momento que eu confiei meu filho à ela, infelizmente ela não teve paciência pra cuidar, pra tirar [do elevador]. Era uma criança”. A empregadora não teve o nome divulgado pela polícia, mas segundo Mirtes, ela é a primeira-dama da cidade de Tamandaré, cidade a 100 quilômetros de Recife, Sari Corte Real. Ela e o prefeito, Sérgio Hacker, ainda não se pronunciaram publicamente sobre a tragédia.

As aulas suspensas em função da pandemia do novo coronavírus foram o motivo de Miguel precisar passar a terça-feira com sua mãe. Segundo as regras da quarentena de Recife, estão fechadas instituições de ensino, comércio, bares, cinemas, praias, parques e outras atividades não essenciais. As medidas de isolamento social, no entanto, começaram a ser flexibilizadas na segunda-feira, 1 de junho. Sem ter onde deixar a criança, a funcionária levou o filho à residência da patroa, para quem trabalhava havia quatro anos.

O apartamento onde Mirtes trabalhava fica no quinto andar do Condomínio Píer Maurício de Nassau, conhecido como *Torres Gêmeas* na capital pernambucana. A dona estava em casa, com uma manicure, quando a doméstica foi levar o cachorro da família para passear e deixou seu filho com a proprietária do imóvel. Naquele momento, a empregadora “era a responsável legal pela guarda momentânea da criança”, afirmou o delegado Ramón Teixeira, responsável pelo caso, em entrevista coletiva virtual na quarta-feira.

As câmeras do prédio mostram que a criança tentou entrar duas vezes, sem acompanhante, no elevador. Em uma das vezes conseguiu entrar no elevador. A patroa aparece nas imagens falando com o menino, mas acaba permitindo que ele ficasse sozinho no local. Miguel acabou descendo no nono e, segundo o perito André Amaral, escalou uma altura de 1,2 metro, subindo no parapeito que dá acesso a uma casa de máquina. Lá, subiu no guarda-peito de alumínio, que cedeu e fez o menino cair. “A gente registrou que a criança gritava pela mãe. Possivelmente, o menino viu a mãe passeando com o cachorro em via pública”, disse o delegado. Uma das grades quebradas da proteção ficou com as marcas do pé da criança, o que colabora com a teoria do perito.

Imagens do circuito interno de câmeras mostra o momento em que o menino Miguel entrou no elevador e a patroa da mãe dele não o retirou do local.

A mãe e um médico morador do prédio socorreram a criança até a chegada do Samu, que a levou para o Hospital da Restauração, no bairro Derby, onde a morte de Miguel foi confirmada. Enquanto a família estava na unidade de saúde, a polícia foi ao local do acidente para analisar as cenas e imagens. “Ela [a patroa] tinha o dever de cuidar da criança. Houve comportamento negligente, por omissão, de deixar a criança sozinha no elevador”, disse Teixeira. No dia seguinte, a mulher foi detida pela Polícia Civil do Estado por suspeita de homicídio culposo, quando não há intenção de matar. A investigada obteve liberdade provisória ao pagar uma fiança de 20.000 reais. O delegado também investiga se o condomínio teve responsabilidade, já que foi constatado no dia da perícia inicial que o nono andar não tinha portas e janelas trancadas nas áreas comuns do prédio.

Durante o velório de Miguel, os parentes se mostraram revoltados com a negligência da dona do apartamento. “A gente fica sem entender. Ter dois seres humanos adultos numa casa e não olhar uma criança?”, disse a tia de Miguel, Lourdes Cristina, em entrevista ao G1, se referindo também à

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



manicure que estava no apartamento com a patroa. Vale lembrar que a quarentena recifense não enquadra os salões de beleza como atividade essencial. “A gente não acredita em fatalidade”, comentou a tia de Miguel. Ele foi enterrado no distrito de Bonança, em Moreno, na Zona da Mata Sul do Estado.

De acordo com a Polícia Civil, o inquérito tem um prazo de 30 dias para ser concluído e remetido ao Ministério Público de Pernambuco. Após receber o documento, cabe ao MP decidir se vai denunciar ou não o caso à Justiça (Diogo Magri. El País. São Paulo - 04 Jun 2020).

## 2.2.1 Acontecimento

Morte de criança negra negligenciada pela patroa branca de sua mãe choca o Brasil. Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, caiu do nono andar de um prédio de luxo em Recife, enquanto estava sob os cuidados da empregadora da mãe.

## 2.2.2 Cenário

Prédio no bairro de São José, região central de Recife, Pernambuco. O menino acompanhava a mãe, a doméstica Mirtes Renata Souza, no apartamento onde ela trabalhava. Mirtes saiu para passear com o cachorro da patroa. Miguel foi atrás da mãe, saiu do apartamento, entrou em um elevador sozinho e se perdeu no prédio. Caiu de uma altura de 35 metros. A empregadora, dona da casa, é a primeira-dama da cidade de Tamandaré, cidade a 100 km de Recife, e convive com o prefeito, Sérgio.

## 2.2.3 Atores

Os atores são: Criança, Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos; empregadora, Sari Corte Real; Mirtes, mãe da criança; vizinhos; Rede de TV Globo; manicure; Delegado, Ramón Teixeira, responsável pelo caso; Perito, André Amaral; médico morador do prédio que socorreu a criança; SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), que levou Miguel para o Hospital da Restauração; Polícia Civil do Estado e parentes, tais como, a tia de Miguel e Lourdes Cristina.

## 2.2.1 Relação de forças

PROMOÇÃO



APOIO



Mirtes levanta uma questão que tem como base o racismo e o tratamento recebido pela empregadora por parte das instituições do sistema de justiça. Ela expressa essa preocupação através da frase "Se fosse o contrário" (sic). A mãe da criança argumenta que há uma superioridade atribuída à empregadora e questiona as ações das instituições do sistema de justiça.

É importante ressaltar que o nome da empregadora não foi divulgado pela polícia e a ela foi concedida liberdade provisória mediante o pagamento de fiança, seguindo o contexto legal. No entanto, é comum observar que, geralmente, quando se trata de pessoas negras, o sigilo não é devidamente respeitado, e muitas vezes as exceções jurídicas são aplicadas para manter esse grupo específico detido.

São diversas as situações que demonstram a manifestação de um tratamento diferenciado entre brancos e negros no processamento dos casos pelas autoridades policiais e judiciárias.

### 3 ARTICULAÇÃO ENTRE ESTRUTURA E CONJUNTURA

Neste tópico, pretendemos estabelecer uma relação entre a conjuntura (dados, casos e textos) e a estrutura (representada pelo capitalismo dependente no caso brasileiro e pelo racismo), utilizando os dois casos retirados das matérias jornalísticas.

Ao discutir sobre familismo e política social, considerando a formação sócio-histórica brasileira, Moraes; Nunes; Horst e Mioto (2020, p. 809) sinalizam que o "Estado nacional emergiu fortemente vinculado à preservação da escravidão, do império e da dominação senhorial. No processo de conversão da sociedade colonial em sociedade nacional", destacam vários elementos fundamentais para pensar os dois casos apresentados, tais como as ideologias e discursos que foram estabelecendo-se, desde o período colonial brasileiro, as implicações para o trabalho e os rebatimentos na família.

É possível compreender que junto à construção da ideologia do trabalho, como forma de assegurar a sujeição dos imigrantes a terra, garantir a política de eugenia e impedir o acesso a terra pelos negros/as – podemos falar da necessidade da ideologia da família. Entendida aqui como uma forma de

#### PROMOÇÃO



#### APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



materializar junto à necessidade do enriquecimento por via individual, o bem comum de toda família (MORAES; NUNES; HORST; MIOTO, 2020, p. 811).

Esses elementos se inter cruzam, estão historicamente interligados e estabelecem uma plataforma de subalternização do negro.

Da citação acima é possível apreender que alguns sujeitos foram impedidos da experiência de trabalho livre no contexto brasileiro, no caso os negros, que por esse mecanismo, grande parte se converteu em mão-de-obra barata ou foi distanciada do mercado de trabalho formal, afetando diretamente as relações familiares por meio da discriminação racial. Nos casos apresentados, a questão do trabalho é central e em uma perspectiva bem materialista, é preciso viver. A Pesquisa Consciência entre Urgências: Pautas e Potências da População Negra no Brasil, divulgada pelo Google Brasil (2019), aponta que inclusão no mercado de trabalho é a principal urgência para 46% dos negros.

[...] Adílio Cabral dos Santos, como o resto dos colegas de profissão, cruzava os trilhos para evitar que os fiscais apreendessem sua mercadoria (caso 1). Miguel Otávio Santana da Silva, 5 anos, morreu na última terça-feira, 2 de junho, ao cair do nono andar de um prédio no bairro de São José, região central de Recife, Pernambuco. O menino acompanhava sua mãe, a doméstica Mirtes Renata Souza, no apartamento onde ela trabalhava (caso 2).

Interessante que, nas duas matérias, o fato de o ofício vir antes do nome pode parecer uma coincidência, entretanto, é um traço marcante da nossa sociedade, demarcar um local para os sujeitos; por exemplo, o vendedor e a doméstica como elementos de identificação/diferenciação, não o Ser, porque o negro pelo efeito do racismo não é considerado um sujeito, talvez um objeto, “nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação” (GONZALES, 1984, p. 225).

Há um lugar em que se situa o negro, geralmente, em subalternidade. Ambos precisavam trabalhar para sobreviver e a partir de uma atividade cotidiana tiveram a vida marcada de forma trágica; um, perdendo sua própria vida e, a outra, chorando a morte precoce do filho.

Para além do fato, é preciso entender que o trabalho para pessoas negras tem profundas raízes históricas, marcadas por opressão, assimetrias e violências. Os

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



episódios expõem a desigualdade social e racial existente no Brasil, no qual pessoas negras são frequentemente relegadas a posições de inferioridade e enfrentam maiores desafios socioeconômicos.

Nos casos de Adílio e Miguel, há um esvaziamento ético e a manifestação de uma precarização existencial expressos no tempo do capital, ou seja, é necessário ultrapassar o corpo negro, porque tempo é dinheiro e importa muito mais suprir as necessidades de um cachorro em detrimento das necessidades humanas de cuidado. Será que o cachorro não poderia ficar um dia sem passear?

Vivemos em uma sociedade na qual o tempo é altamente valorizado e convertido em recursos econômicos. Nesse contexto, a valorização do tempo se sobrepõe às necessidades e cuidados com o Ser, em especial, com os corpos negros que historicamente têm sido marginalizados e submetidos a condições precárias.

O esvaziamento ético e a precarização existencial afetam os corpos negros, reflexo da superficialidade de uma sociedade racista que valoriza e protege determinados grupos ou animais.

Quando se pensa a respeito da “ética enquanto modo de ser na relação do eu com o outro” (CARDOSO, 2013, p. 57), percebemos o valor do negro para a sociedade brasileira e o quanto a relação ser singular/genérico não se materializa porque não concebemos o negro como sujeito. A dificuldade de perceber a realidade do mundo é a manifestação de um capitalismo vagabundo que:

[...] conecta a errância e o abandono ao capitalismo – este, assediador do mundo, disperso, dissoluto, irresponsável – além de também abordar uma ameaça: uma produção capitalista crescentemente global pode abandonar muitos dos seus típicos compromissos com o lugar, mais centralmente aqueles associados com a reprodução social que é, quase sempre, menos móvel do que a produção (KATZ, 2019, p. 437).

Esse lugar da reprodução social sempre está ocupado por construções emancipatórias ou desumanas, como o racismo no caso do Miguel, em que a própria mãe da criança aponta esse traço como algo normal nos processos sociais, a diferenciação entre os sujeitos pela cor.

Eu não vou dizer que eu to com raiva, com ódio nada, porque a dor pela morte do meu filho tá prevalecendo. Mas eu espero que a justiça seja feita.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Porque se fosse o contrário, eu acredito que não teria direito nem à fiança. Meu nome estaria estampado e meu rosto estaria em todas as mídias [...] (Caso 2).

As matérias estão cheias de elementos importantes, podemos citar a forma de relação do estado com a sociedade, sobretudo para a manutenção do sistema de metabolismo social do capital, conforme expressão de Mészáros (2011), violência, desregulamentação, terceirização que constroem uma lógica societal e alimentam esse metabolismo.

A partir dos casos, ainda há dois elementos a serem considerados, a família negra como aquela que pode ser sempre desrespeitada e a falta de suporte via estado. A análise crítica dessa situação nos leva a refletir sobre a interseccionalidade das opressões enfrentadas pela população negra e como essas dinâmicas podem manifestar-se no âmbito do sistema de transporte público e em outros espaços. A abordagem da empresa, ao justificar a ação de passar por cima do corpo do vendedor em nome da "excepcionalidade" e do "controle absoluto", levanta questionamentos sobre quais vidas são consideradas descartáveis e quais são preservadas.

Horas depois, Eunice de Souza Feliciano, mãe de Adílio, assistia estarecida à cena na televisão sem saber que aquele corpo pixelado na tela, que sumia embaixo de um trem sob o comando de funcionários da estação, era do seu filho. "É uma coisa terrível, uma desumanidade, fizeram sinal para o trem vir, mas o que é isso?", desabafou Eunice, de 61 anos, aos repórteres (Caso 1).

Anschau (2020, p. 44), ao falar sobre o feminismo negro, sinaliza que existe "um leque imenso de militantes e teóricas" que orientam o debate étnico-racial e exemplifica, citando referências, tais como, Sueli Carneiro, Carla Akotire, Lélia González, entre outras. Especialmente para o debate sobre família é importante considerar as análises de Lélia González ao recuperar duas categorias do pensamento lacaniano: a de infante e a de sujeito-suposto-saber que leva na sua perspectiva a alienação.

[...] as categorias de infante e de sujeito-suposto-saber nos levam ao tema da alienação. A primeira designa a aquele que não é sujeito do seu próprio discurso, a medida em que é falado pelos outros. O conceito de infante se constitui a partir de uma análise da formação psíquica da criança que, ao ser falado pelos adultos na terceira pessoa, é, conseqüentemente, excluída,

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



ignorada, colocada como ausente apesar da sua presença; reproduz então esse discurso e fala em si em terceira pessoa (até o momento em que aprende a trocar os pronomes pessoais). Da mesma forma, nós mulheres e não-brancas, fomos “faladas”, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza (GONZÁLEZ, 2011, p. 13-14).

Os negros são infantilizados (não tem fala própria), são falados por outros, desrespeitados de diferentes maneiras, em diversos espaços; são criados arquétipos que estão colados no imaginário social, os vagabundos, os preguiçosos, o pivete, o menor, o malandro, o ladrão, a empregada, a faxineira, a servente, a tia do café, os favelados, demarcando o lugar do/a negro/a, o que tem implicações até no trabalho social porque por meio da profissão é reforçado um atavismo social.

Por isso, a lógica de desrespeito, muitas vezes em audiências concentradas no judiciário pelos técnicos, nos atendimentos nos CREAS e CRAS, a falta de planejamento, fruto da lógica de que para esses sujeitos qualquer coisa serve; assim, não tem importância passar o trem por cima desses corpos, muitas vezes colocam as famílias negras como atendidos natos; quando, na realidade, o problema não é o sujeito e, sim, o capitalismo e sua face perversa do racismo, expressa na realidade brasileira historicamente pela falta de suporte via estado.

A falta de serviços capaz de desconsiderar mais da metade da população brasileira é um traço histórico do racismo em sua forma institucional.

O racismo institucional refere-se às operações anônimas de discriminação racial em instituições, profissões ou mesmo em sociedades inteiras (Cashmore et al., 2000). O anonimato existe à medida que o racismo é institucionalizado, perpassa as diversas relações sociais, mas não pode ser atribuído ao indivíduo isoladamente. Ele se expressa no acesso à escola, ao mercado de trabalho, na criação e implantação de políticas públicas que desconsideram as especificidades raciais e na reprodução de práticas discriminatórias arraigadas nas instituições (EURICO, 2013, p. 299-230).

Qual o sentido de todas essas assimetrias? Resta apenas pensar que é o de dizer qual é o lugar do negro e de sua família, de banalizar a sua dor como nos casos apresentados e vilipendiar os corpos negros das mais diferentes maneiras.

## 4 CONCLUSÃO

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



A prática do assistente social é atravessada pelas lutas de classe, e “é no combate à exploração capitalista que são percebidas, concretamente, as dinâmicas e contradições extremas da estrutura política de nossos tempos” (MASCARO, 2013, p. 11). Assim, é necessário denunciar pela práxis a dinâmica de desigualdades estabelecidas na plataforma capitalista. Pequenas ações no âmbito do fazer profissional podem provocar rupturas na estrutura de desigualdades e são importantes para fortalecer embates de maior envergadura.

Nesse contexto, está a necessidade de inclusão do quesito raça/cor nos instrumentos profissionais de diferentes campos de atuação, na política de assistência social, no sociojurídico, nas organizações da sociedade civil, estabelecendo o objetivo de identificar e fortalecer o debate étnico-racial.

Discutir, de forma sistemática, a condição da população negra é ir além do dia da Consciência Negra. É importante criar espaços nos ambientes de trabalho para que seja possível compartilhar as vivências a partir da perspectiva do ser negro. Em última análise, devemos nos questionar desde que posição desejamos analisar as famílias no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ABEPSS. **Família e Políticas Públicas: o acúmulo da pesquisa no Serviço Social**. ABEPSS, março de 2021. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/nt-abepss-marco-21-202103262108381181190.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ANSCHAU, Q. F. **As contribuições Feminista à Proteção Social no Estado Capitalista**. 2020. Orientador: Regina Célia Tamaso Mito. 2020. 200f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. População brasileira. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou->

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

raca.html#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20como%20ama  
relos%20ou%20ind%C3%ADgenas. Acesso em: 30 set. 2021.

BRASIL. Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da  
profissão. 10. ed. rev. e atual. Brasília: **Conselho Federal de Serviço Social**, 2012.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social/ Secretaria Nacional de  
Assistência Social**. SUAS sem racismo. Promoção da Igualdade Racial no Sistema  
Único de Assistência Social. Brasília: MDS, 2018.

BRASIL. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Retrato das desigualdades de  
gênero e raça. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011.

DIAS, S. A. Serviço Social e Relações Raciais: caminhos para uma sociedade sem  
classes. Temporalis, **Brasília (DF)**, ano 15, n. 29, jan/jun. 2015.

GONZALEZ, L. Por um feminismo Afro-latino-Americano. In: **Caderno de Formação  
Política do Círculo Palmarino no. 1 (mimeo)**, 2011.

KATZ, C. Capitalismo vagabundo e a necessidade da reprodução social. **Geusp –  
Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 2, p. 435-452, ago. 2019. ISSN 2179-0892.

MASCARO, A. L. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição**. Boitempo,  
2002.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra,  
2020.

OSORIO, R. G. Texto para discussão. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**.  
Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2021.

RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. **Os contatos linguísticos e o Brasil –  
Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas**. In: RASO, T.; MELLO, H.;  
ALTENHOFEN, C. (Orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora  
UFMG, 2011.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. 27ª edição.  
Petrópolis: Vozes, 1984.

SPOSATI, A. de O. **Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras: uma  
questão em análise**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

THINK WITH GOOGLE. **As 5 maiores urgências da população negra e o que você  
pode fazer diferente em 2020**. Think with Google, [Jan. de 2020]. Disponível em:  
[https://www.thinkwithgoogle.com/\\_qs/documents/9092/twg\\_consciencia\\_entre\\_urgencias.pdf](https://www.thinkwithgoogle.com/_qs/documents/9092/twg_consciencia_entre_urgencias.pdf). Acesso em: 30 set. 2021.

PROMOÇÃO

